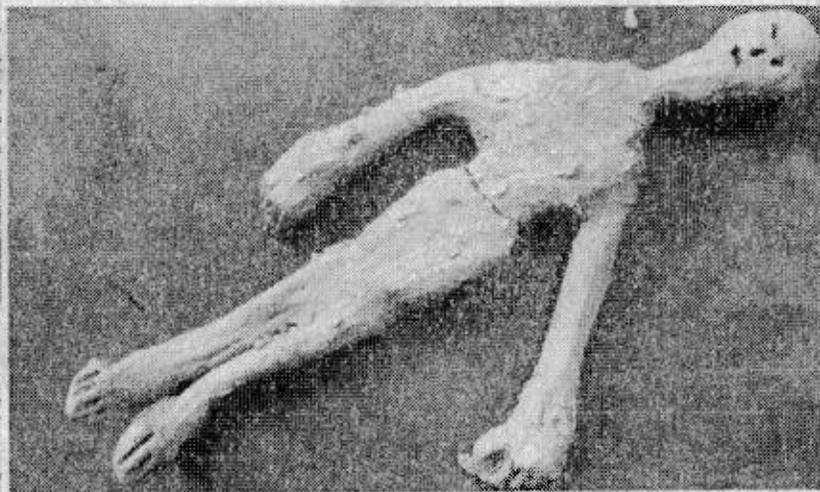




Jonas Cunha/AE

Nise da Silveira: 44 anos ligando arte à psiquiatria



Epitácio Pessoa/AE

Boneco moldado: corpo rompido e nome na argila

## Arte auxilia tratamento mental

LINA DE ALBUQUERQUE

Há 44 anos, a psiquiatria oficial brasileira se viu afrontada por uma alagoana miúda que teimava em dizer que a pintura, a música e o teatro eram excelentes recursos terapêuticos. As idéias da psiquiatra Nise da Silveira causam hoje menos espanto. Os ecos do seu trabalho desenvolvido no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, continuam a reverberar por diversos centros psiquiátricos do País.

"Qualquer método terapêutico só funciona quando ele é apreciado pelo paciente", repete a médica, na lucidez dos seus 84 anos. O Museu de Imagens do Inconsciente, por ela criado, funciona até hoje no Pedro II, porém muitas de suas antigas oficinas, como a de música, teatro e artesanato, estão desativadas. Restaram apenas as de pintura e modelagem. Em compensação, hoje ela pode verificar que as atividades artísticas estão de fato sendo levadas a sério, no seu papel de aliadas da psiquiatria.

Em São Paulo, por exemplo, um paciente pode perfeitamente ser encontrado ensaiando uma comédia de costumes no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha ou cantando uma música de Raul Seixas no quiosque do Hospital Psiquiátrico Pinel. Orientada pelo artista plástico Jean-Jacques Vidal, uma mulher de meia-idade do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) molda com argila um boneco de rosto desfigurado. Depois de terminada a estatueta, quebra o corpo em duas partes. Em seguida, marca no barro uma palavra que ela não conseguia se lembrar durante o dia inteiro: o seu nome.

Sob a batuta do músico Mário Augusto Aydar, o Manga, do Premeditando o Breque, um doente em estado de prostração

ganha forças para acompanhar uma canção de Roberto Leal, de nacionalidade portuguesa como a dele. "A música é extremamente eficaz para esquizofrênicos catatônicos", atesta a veterana Nise da Silveira. Ela criou uma atividade na qual diversos pacientes eram colocados numa sala junto de uma orientadora que balbuciava algumas palavras. Depois de algum tempo, a orientadora cantarolava uma música para cada doente, individualmente, e ficava brincando com uma bolinha muito pequena, até entrosar o grupo. A partir daí, lançava mão de instrumentos musicais e conseguia até mesmo formar uma banda.

"As músicas, muitas vezes, fazem vir à tona lembranças que são depois trabalhadas na terapia", explica a psicóloga Meire Silva Fernandes, do Hospital Pinel, em Pirituba. Quando Manga não comparece aos encontros musicais de quinta-feira, os próprios pacientes se encarregam de organizar as sessões. É comum surgirem por lá repentistas e instrumentistas que foram internados. Manga também coordena as atividades musicais no Caps, onde pretende montar uma banda.

No Hospital de Custódia e Tratamento Dr. André Teixeira, o Manicômio Judiciário, a cineasta Maria do Carmo Bracco Carramenha se empenha em dirigir uma comédia de costumes da década de 50 e pretende apresentá-la no Centro Cultural São Paulo. A sua maior preocupação, porém, é que os internos do Manicômio não resolvam buscar inspiração numa cena que se tornou famosa: tempos atrás, grupos da Penitenciária Feminina e da Febem se apresentaram no mesmo local, e as peças acabaram se tornando pretexto para uma fuga coletiva.

Colaborou Evaldo Mocarzel, do Rio.



Norma Albano/AE

Teatro no Manicômio Judiciário: comédia de costumes



Leonardo Castro/AE

Manga, do Premê (dir.): canções de Roberto Leal